



## GUERRA NO LESTE EUROPEU

# Com progresso, mas sem acordo

Cúpula entre os presidentes Donald Trump (EUA) e Vladimir Putin (Rússia) dura quase três horas, fracassa em chegar a um cessar-fogo na Ucrânia e marca o fim do isolamento internacional do líder do Kremlin. Especialistas veem vitória de Moscou

» RODRIGO CRAVEIRO

A primeira indicação de que o encontro entre Donald Trump e Vladimir Putin, em Anchorage (Alasca), teria surtido algum tipo de avanço foi a colocação de dois púlpitos para a entrevista coletiva. Após conversas que duraram pouco mais de três horas e apesar do clima de otimismo — o cenário montado trazia um mural com a frase “Perseguindo a paz” —, a sétima reunião entre os presidentes dos Estados Unidos e da Rússia terminou sem acordo sobre um cessar-fogo na Ucrânia.

“Nós tivemos um encontro extremamente produtivo, e muitos pontos foram acordados. Nós concordamos na maioria dos pontos, eu diria que em relação aos grandes. Não chegamos lá, mas temos uma boa chance de chegar lá”, declarou Trump. “Não existe acordo enquanto não houver acordo”, acrescentou, ao frisar que os dois fizeram um “grande progresso”. “Nós realmente fizemos um grande progresso hoje. Nos temos uma relação fantástica com o presidente Putin, com Vladimir.”

Por sua vez, Putin disse esperar que os acordos de ontem sejam o ponto de partida não apenas para a solução do tema ucraniano, mas também para o desenvolvimento de negócios e de relações pragmáticas entre a Rússia e os EUA. “Esperamos que o entendimento alcançado abra o caminho para trazer paz à Ucrânia”, afirmou o chefe do Kremlin, que chegou a chamar a Ucrânia de “nação irmã” e a lembrar que os dois países

têm as mesmas raízes. O presidente russo enviou um recado à Ucrânia e aos aliados europeus, ao pedir que não interfiram no diálogo. “Esperamos que Kiev e as capitais europeias percebam tudo isso de forma construtiva e não criem obstáculos, nem tentem interromper o progresso emergente por meio de provocações e intrigas nos bastidores”, alertou Putin, ao sair do isolamento internacional desde que foi condenado pelo Tribunal Penal Internacional (TPI) por crimes de guerra e teve mandado de prisão expedido.

### Segurança

Putin destacou que a situação na Ucrânia tem a ver com “ameaças fundamentais” à segurança da Rússia. “Estamos convencidos de que, para fazermos um acordo duradouro e de longo prazo, precisamos eliminar todas as raízes primárias, as causas primárias do conflito. Isso, para considerar todas as preocupações legítimas da Rússia e reinstaurar um balanço justo de segurança na Europa e no mundo”, acrescentou.

Diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Peter Zalmayev disse ao **Correio** que Putin parecia “radiante e alegre” ao fim da reunião. “Ele marcou uma vitória apenas por estar lá e por receber uma recepção com tapete vermelho, além de um vigoroso aperto de mãos de 15 segundos com Trump e ter à sua disposição um intérprete. Putin mostrou aos compatriotas que o seu isolamento, desde o início da guerra

na Ucrânia, chegou ao fim”, avaliou. “Temos poucos detalhes, e os dois líderes decidiram não responder às perguntas dos jornalistas. Eles não foram específicos, talvez por não terem chegado a acordos específicos.”

De acordo com Zalmayev, Putin tentou manipular Trump, por meio da lisonja. “Ele falou sobre como Trump é um líder motivado pelo interesse do próprio país. Isso é quase uma dica de que fazer a paz com a Rússia, mesmo às custas da Ucrânia, não está nos interesses dos EUA”, explicou. “Putin também assegurou que, se Trump fosse o presidente, em 2022, a guerra não teria ocorrido. Ambos estavam sorrindo e era quase como se concordassem em que o conflito não era culpa de Putin. Ao fim do encontro, o russo convidou o anfitrião a Moscou, e Trump sorriu. Temo que isso abra espaço para que os dois culpem a Ucrânia e seus aliados europeus por qualquer falta de progresso nesse processo.”

Durante o encontro, Olexiy Haran — professor de política comparada da Universidade de Kiev-Mohyla — admitiu ao **Correio** que os ucranianos estavam incomodados com o fato de Putin não ter feito concessões à Ucrânia. “Por várias vezes, Trump estabeleceu prazos para Moscou, prometendo sanções. Até o momento, Putin recebeu o que desejava. Ele obteve um encontro de alto nível com Trump, uma atmosfera legal, sorrisos... Isso é o retorno de Putin à arena internacional, legitimado por Trump, infelizmente.” Haran defende que, antes de negociar, uma trégua deve ser respeitada. “Não se pode negociar, enquanto se mata ucranianos.”

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



Trump cumprimenta Putin logo após desembarcarem na Base Aérea de Elmendorf-Richardson, em Anchorage, na tarde de ontem



Esperamos que Kiev e as capitais europeias percebam tudo isso de forma construtiva e não criem obstáculos”

Vladimir Putin, presidente da Rússia



Não chegamos lá, mas temos uma boa chance de chegar lá. (...) Não existe acordo enquanto não houver acordo”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

### Rápidas

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



#### Surpreendido pela imprensa

Logo depois de ser recebido por Trump na pista da base de Elmendorf-Richardson e no local da conversa bilaterais, Putin mostrou-se confuso com as perguntas diretas e incisivas de jornalistas. “Senhor Putin, o que vai fazer para parar de matar civis?”, questionou uma repórter. E ela continuou: “Senhor Putin, por que o presidente Trump deveria acreditar no senhor agora?”. Visivelmente consternado, o americano balançou a cabeça negativamente. Em um determinado momento, Putin uniu as mãos, levou-as à boca e gritou algo para a imprensa, mas os microfones do ambiente não captaram.

Andrew Harnik/Getty Images/AFP



#### Provocação subliminar?

Ao lado do tapete vermelho, sobre o qual Trump e Putin trocaram um aperto de mãos, estavam quatro caças F-22 Raptors alinhados. Os aviões de combate são do mesmo modelo daqueles utilizados rotineiramente pela Força Aérea dos Estados Unidos para interceptar aeronaves russas que se aproximam da costa do Alasca.

### Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Quatro peças em movimento

Brasil, Rússia, Índia e China, cujas iniciais formam a sigla original do Brics, trafegam pelo cenário global nas condições criadas com o retorno de Donald Trump à Casa Branca. O primeiro semestre do novo mandato bastou para se delinear o contorno da política externa dos EUA no próximo período. A vigia mestra é restaurar a posição de hegemonia conquistada com o fim da União Soviética, em 1991 — e agora desafiada pela emergência de uma ordem mundial multipolar. “Premiado” com 50% de

sobretaxa na guerra tarifária movida por Washington, o governo Lula segue um roteiro previsível. No intervalo de 10 dias, o presidente conversou longamente com o premiê indiano, Narendra Modi, e com os colegas Vladimir Putin e Xi Jinping. Se não para concatenar uma reação conjunta — ao menos, não de imediato —, para reforçar os laços entre o núcleo duro do bloco emergente.

Cada qual segundo a dinâmica própria das relações bilaterais com a (ainda) maior potência militar e econômica, os quatro vértices do

Brics buscam convergências políticas e comerciais. E, principalmente, tratam de dificultar as manobras do magnata republicano para “fartar” o campo oposto.

### Refilagem

Entre idas e vindas, mas sempre fiel a seu estilo errático e estridente, Trump atraiu o presidente russo para o Alasca, palco do primeiro encontro bilateral e presencial com o titular do Kremlin desde que reassumiu a Casa Branca. Marcou ponto ao estabelecer como palco o próprio território — embora o Alasca seja separado por um estreito do extremo oriente russo, e tenha sido comprado ao império czarista, no século 19.

Observadores veem na jogada uma tentativa de repetir, na direção oposta, a surpreendente tática de Richard Nixon — outro

presidente republicano — ao visitar Mao Tsé-tung, em 1972, e normalizar relações com a China. Empossado na cadeira reservada ao país na ONU — e como membro permanente do Conselho de Segurança —, o regime comunista de Pequim passou a fazer dobradinha com Washington no contexto da Guerra Fria.

Isolada e pressionada pela corrida armamentista, a União Soviética sucumbiu ao desafio econômico e ruiu duas décadas depois.

### Time e tabuleiro

Assim que tomou posse, em janeiro, Trump renovou os acenos de palanque a uma retomada das relações com o Kremlin. Não por acaso, a guerra na Ucrânia, principal obstáculo, dominou os preparativos do encontro na base militar de Anchorage.

Mas o sentido do movimento — agora, destinado a colocar de escanteio a China — não é a única diferença para com a celebrada manobra de Nixon. Esta teve como artífice um diplomata e estrategista do porte de Henry Kissinger. Hoje, o Departamento de Estado tem à frente Marco Rubio, ex-senador de família cubano-americana. Afiado com a agenda latino-americana, como ilustram as pressões sobre Brasil e Cuba, o secretário de Estado não exhibe desenvoltura em temas globais. Pelo lado de Moscou, Putin conta com o chanceler Sergei Lavrov, diplomata experiente e respeitado pelas contrapartes.

Além dos jogadores de cada time, diferem também as habilidades no tabuleiro. Putin, formado na escola da KGB soviética, praticante de judô e domina o xadrez. Trump é mais afeito ao banco imobiliário,

combinado com golpes de vale-tudo que aprendeu no mercado novo-iorquino do setor.

### Próximas escalas

Sem ter no horizonte a expectativa de um cara a cara com o presidente dos EUA, Lula começa a preparar as malas para novas empreitadas na frente externa. Em setembro, deve fazer do multilateralismo e da ordem multipolar o fio condutor para sua intervenção na Assembleia Geral das Nações Unidas. No mês seguinte, toma o rumo do Pacífico na condição de convidado para a cúpula da Asean, bloco econômico-comercial do Sudeste Asiático.

Para janeiro de 2026, ano de campanha pela reeleição, o presidente programa uma visita à Índia. Nos planos de viagem, a organização de uma comitiva com 500 empresários.